

Évariste Galois? O melhor era vermos se éramos capazes de encontrar as roupas, experimentar se nos serviam, sem termos necessidade de enfiar as calças pelos braços, as camisas pelas pernas. Sair dali pelas portas, entregar as calças do descapotável ao seu dono através das mãos, e verifi-car as horas a que eles estariam no hall à nossa espera atra-vés das agulhas do relógio. O noivo pediu a Evita que se calasse — porque ficava tão céptica perante tudo? Evita não sabia que o cepticismo destrua o amor? Sobretudo em África, onde a vida brotava sem ser preciso pensar? Onde as coisas eram tão espontâneas que dispensavam estradas, ruas, planeamentos? O noivo pediu a Evita que se vestisse, calçasse e se entregasse à vida de uma cidade de África. Sim, estou a ver essa plana cidade de África. Nesse tempo, Evita era eu.

Se vejo algumas cenas vivas? Claro que revejo cenas vi-víssimas.

Cenas bestalmente vivas, com corridas, vozes, insinua-ções, sucessos, aves, céu, terra e mar — disse Eva Lopo. Recordo com precisão, sem qualquer tipo de esforço, até com uma enorme alegria, o momento em que descemos ao hall, e entre grupos que conversavam pelos sofás, encontra-mos, à hora prevista, Helena e Forza Leal a quem o noivo entregou as chaves. Estou a ouvir como nos propuseram que déssemos uma volta sentados no banco de trás do des-capotável, estou a ver como as palmeiras se curvavam, como Helena saltou para o seu banco, como amarrrou o cabelo num lenço. Estou a ver ó capitão conduzir com gui-nadas intensas a partir do arranque, estou a vê-lo passar junto de nativos estendidos que fugiam em sobressalto. Es-tou a ouvir o noivo rir. Havia de facto gente detada de brujos, de forma incommum, sobre os passeios mais afastados da circulaçãõ, e outros mesmo pareciam estar acam-pando só com o corpo, por cima de pedaços de jardim — quer cena mais viva? Imagine os nativos saltando à passa-gem do descapotável. A meio da marginal, porém, para

onde as ondas arrojavam espuma, os indígenas começavam a rarea, e o capitão abriu a marcha. Passava-se perto dum clube.

«Tinha pensado irnos ali ao Clube, mas o sacana do *black* que fazia aqueles *cocktails* também lempou.»

«Como é que lempou?»

«Sabe-se lá! Com as versões mais estúpidas como é que vamos saber? Foi naquela noite» — disse o capitão.

«Meu capitão» — disse o noivo. «Estou aqui a pensar, a pensar...»

«O quê?»

«Estava aqui a pensar que se em vez de irnos ao Clube fôssemos fazer um pouco de gosinho ao dedo talvez não fosse errado.»

O capitão riu enormemente à voz do noivo.

«Ah, seu sacana, não me diga que você ficou com o material no porta-bagagens estes dias todos para nada!»

«Não tive tempo, meu capitão» — Agora ria o noivo no banco de trás.

E logo uma segunda cena — disse Eva Lopo. Lembro-me de o capitão inverter o sentido da marcha até perto duma vegetação que parecia ser um canavial. O vento fazia das canas uma espécie de cabeleira de duna, que se estfiava e batia, esfarrapava as folhas como um cabelo que se sa-code. A mulher do capitão tinha saído do carro e todas as roupas dela, bem como o lenço e o cabelo, eram sacudi-dos pelo mesmo ímpeto na direcção do canavial. Além da mulher do capitão e do canavial que pareciam ser levados por uma força que não conseguiam suster, havia latas que rolavam pela praia, que iam e vinham, chocavam e produ-ziam ruídos. Ambos desfardados, o capitão e o noivo olha-vam intensamente as latas. O noivo encarou o capitão.

«Meu capitão, deixe as latas — se formos até àquele barzinho que fica para lá da Ponta Gea, acho que vamos ter uma surpresa.»

O capitão ficou incrédulo — «Uma surpresa na Ponta Gea?»

«Não, meu capitão, muito para lá, muito para lá...»
Pouco convencido, o capitão retomou a estrada, deixou para trás as latas do canavial, e o carro tomou a direcção do barzinho de pau, até que o capitão afrouxou e perguntou ao noivo, fingindo desafiar a mulher — «E se fôssemos pôr as mulheres em casa, para fazermos o gosto ao dedo à vontade?» Foi a vez de Helena representar — protestou, não quis, desejava muito ver o que era isso de fazer o gosto ao dedo, e pediu, encostando-se ao ombro do capitão, que não voltasse para trás, que não a fosse pôr em casa. Ele fingia ir. Mas depois condescendeu — «Vais então ver o que é fazer um gosto ao dedo». O carro estacionou na direcção do barzinho de pau e caniço, o capitão abriu o porta-bagagens e disse à mulher que apalpassse certa coisa que estava ali embrulhada numa espécie de serapilheira. Ele queria que por apalpação ela adivinhasse.

«São alfaiats!» — disse ela.

«Não!»
«É uma mesa desmontada» — disse ela ainda. Via-se perfeitamente que conhecia o conteúdo da serapilheira, mas representava não conhecer — era tudo representado.

«Também não!»

«É uma peça do motor do barco!»

«Ora bolas, também não...» — O capitão fingiu desistir, puxou pela serapilheira e apareceram quatro armas.

Helena de Tróia representou ter medo, e com a mão na boca, começou a correr pelo areal fora, enquanto o capitão a chamava. O areal estava deserto e a bandeira vermelha acenava na ventania tanto quanto as roupas de Helena correndo. «Aqui!» — disse o capitão com um assobio. Ao som do assobio, Helena de Tróia começou a aproximar-se, com olhar amedrontado, em ziguezague, fingindo ter medo de ver as armas. «Aqui!» — disse ele de novo. O capitão tinha posto a serapilheira na areia como um lanche, e desembrulhava agora as munições. O noivo também estava ajoelhado mas o capitão só falava na direcção da mulher. «Estás a ver?» — disse ele, fazendo saltar uma pistola para o meio da mão. «Esta é uma Star, calibre 9, uma bonequi-

nha derrubante proibida a civis. Uma defesa pessoal como não há outra. Só que por vezes a mola do carregador fica pasmada». A mulher do capitão apertava o lenço que o vento levava. «Não quero ver, já disse que não quero ver...» — dizia ela sem deixar de rir, fingindo querer atirar-se ao chão. Com o joelho sempre em terra, como o noivo, ele fez rodar a pistola no polegar e apanhou-a no ar com a mão aberta. Disse ainda — «Um tipo atingido com uma brincadeira destas dá um salto para trás que nem uma lebre, o tipo projecta, o tipo zumba». Helena de Tróia apontou com a ponta do dedo, com voz de criança que interpela.

«E esta aqui, tão grande?»
«Esta é uma Armitex, calibre sete, sessenta e dois. Dá para tiro a tiro e rajada» — disse ele, levando essa arma à cara. «E esta é uma Kalashnikov. Você lembra-se desta Kalashnikov, não se lembra, ó Luís?» Tal como o alferes, o capitão também tinha patilhas, ainda que menores, mas com a particularidade de mexerem como duas escovas. Estava a mexê-las. Encarou a mulher que se tinha debruçado sobre a serapilheira.

«E agora, quantas faltam aqui?»

«Não sei!»

«Não sabes? Sabes!»

«Não sei não!»

«Sabes!» — disse ele levantado-se. Ela simulou atirar-se ao chão. «Sabes ou não sabes?» Helena baixou a cabeça até às armas.

«Sei, falta só uma!»

«Diz mais alto, diz para eles ouvirem!»

«Falta uma» — gritou ela. «Falta o revólver» — Helena de Tróia fugiu pela areia que se levantava sob as suas passadas e caía longe. «Aqui!» — gritou de novo o capitão. Como ela regressasse, ele escolheu finalmente a Armitex.

Logo se seguiu outra cena, muito viva.

É que ainda se tinha de percorrer uma ponta de areal até se atingir o bar de pau onde o alferes anunciava a sur-

presa, mas ou fosse pela ventania ou por outra razão qualquer, o bar de pau e caniço estava despojado. Um tacho velho rebolava junto ao estrado. O noivo deu uma volta chamando pelo *black* mas não descobriu ninguém. Entretanto, seguido pela mulher, o capitão já se encontrava a olhar para a fita de lodo que precedia o mar. Diante, imóvel, estava uma colônia de pássaros pousados no lodo como dias antes, mas enquanto na tarde do casamento eles voavam e corriam, batiam as asas com ligeireza, à aproximação do noivo, agora as aves pareciam resistir unidamente ao vento, ou dormir com as cabeças sob as asas, sustentadas numa pata só. Vistas sobre o lodo e o mar, constitua uma toalha de penas que flutuava.

O capitão estava ofuscado, o capitão tinha os olhos presos das aves que flutuavam e benzeu-se. «Bolas, que você acha com cada coisa!» — disse assombrado para o alferes. O capitão estava a engatilhar a arma e não desviava a vista da toalha de pássaros.

«Tiro a tiro ou rajada?» — perguntou ele com a arma ajustada à cinta. Fez o cano da espingarda correr primeiro na direcção do mar, depois baixou na direcção do lodo, colocou a arma na posição de rajada, e fazendo a mira, o capitão percorreu a colônia da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Helena escondeu a cara no braço do noivo e eu vejo sobre o noivo. Estou a ver o noivo diante das aves cor de fogo intensamente unidas. Estou a ver porque à medida que eram atingidas eram chutadas por um coice e iam tombiar longe, esperneando, e é difícil esquecer. As não atingidas, porém, permaneciam na mesma posição, com o pescoco enrolado no papo e a perna única, direita como um pau. O facio de as não atingidas permanecerem imóveis tocou o noivo. «Maravilhoso!» — disse ele. Já viu, meu capitão, como aquelas não se movem? As camelas? Como se estão lixando umas para as outras, as grandíssimas filhas das camelas?»

«Já» — disse o capitão, sacudindo qualquer coisa que parecia encravar a arma antes da segunda rajada.

Quarta cena, mais viva ainda, como ampliação da anterior. Estou a ouvir o capitão sacudir a arma como se tivesse descoberto um ruído profano naquele engenho, a mulher dele com as mãos agarradas ao lenço como se não quisesse ouvir, o noivo atrás do capitão, como se lhe fosse a sombra. A mulher, porém, quer ver as aves, vai na direcção do lodo e volta. Estou a ver vivissimamente — a colônia foi atingida em parte mas o todo não se moveu. As aves sobreviventes estão de novo a agrupar-se e as abatidas estão ficando cada vez mais enterradas no lodo onde se somem como panos. É apenas uma espécie de tapete passageramente arruinado que estremece. Porque os pássaros não atingidos, acordados só por um instante, logo lançaram a segunda pata ao lodo e se uniram, pisando os corpos das que se sumiam e deixavam de ser vistas. Fez-se uma nova colônia unida que nem deixava de parecer menor do que a anterior. O noivo perguntou — «Mais uma, meu capitão?» O capitão, porém, tinha desencravado a arma e passava-a ao noivo. O noivo agradeceu — pôs o joelho em terra, deitou-se de bruços, e ajeitando o carregador que roçava na areia, fez mira e varreu a nova colônia da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, como se quisesse dizimar o último pássaro. Vejo os últimos pássaros espantados desaparecerem, diminuem pouco a pouco, como os sonhos vermelhos que sobrevivem ao amanhecer. E agora? Agora não havia mais nada para fazer ali. Trancaram a arma, enrolaram-na como as outras na sarapilheira e puseram-se a andar na direcção do descapotável. O noivo inspecionava o ar. «Algun problema?» Não, nenhum problema, pois que problema haveria de haver? A costa estava vazia de gente, a avenida vazia de carros, poder-se-ia ter disparado um canhão costeiro de trinta e dois centímetros, que o vento e a distância impediriam que se ouvisse.

«E as penas?»

«Que penas?»

«Amanhã a bicharada há-de estar podre e há-de haver penas!»

O noivo ria — «Amanhã? Amanhã a esta hora já houve duas marés, meu capitão. Deixe-se disso, deixe de pensar em penas!» O noivo ria com uma fala desconhecida, tão desconhecida que se tornava imperioso espreitar-lhe a voz. Pensando bem, era a única emissão do corpo que poderia conter o segredo da sua mudança. Mas para espreitar a voz teria de espreitar os dentes por onde saía. Se me aproximasse dos dentes e da língua do noivo, eu não teria acesso ao segredo da alma através da voz? Aproximei-me imenso dos seus dentes e fiquei a ver moverem-se os lábios que gritavam daquele modo para o capitão, os dentes que ora pareciam ora desapareciam sob a cobertura dos lábios, e fasciava-me não reconhecer um único som do noivo, como se dele, ele mesmo, só houvesse de facto o corpo como uma concha fechada e a alma tivesse desaparecido. Durante a ausência a concha se tivesse aberto e um outro espírito tivesse entrado e falasse agora pela mesma língua embora com outra linguagem. Mas não se podia pedir demasiado ao noivo — no meio daquela aragem quente, o noivo só reparou que eu me tinha fascinado pela sua boca, e então, aproveitando uma guinada nos passos do capitão, aproximou os dentes e a boca.

E houve uma quinta cena, vivíssima, com dois andamentos. Vejo-a.

Ao passarmos aos ziguezagues perto do bar de pau e caníço, o noivo deve ter-se lembrado da tarde recente em que o *black* lhe havia lavado os pés.

«Eh, *black!*» — gritou.

Ninguém respondia. O noivo admirou-se, depositou a serapilheira — era ele quem conduzia a serapilheira para o descapotável — e trepou ao estrado. Um bidão estava encostado ao que parecia ser uma cozinha miserável dum bar de negro. Virando o bidão, percebeu que tinha sido aberto à martelada. Então baixou-se e aproximou o nariz do buraco do bidão. Esteve a cheirar. O noivo chamou o capitão e o capitão também cheirou. A mulher do capitão foi puxada para cima do estrado para que também cheirasse.

Cheirava a alguma coisa doce e perfumada como um verniz. Devia-se inquirir junto do rapaz daquela espelunca onde teria ele ido buscar o bidão de verniz. «Onde se terá metido o filho da mãe do *black?*»

«Pelos vistos lempou, meu capitão. Deu ou vendeu a mistela, e depois bebeu e rebentou por aí!»

O noivo agitou o bidão, entornou o bidão, o líquido rapidamente se espalhou pelo estrado e se sumiu na areia. O capitão ajudou, com o pé. Estavam a fazer muito bem, estavam a evitar chatices com a polícia e ao mesmo tempo a cumprirem um dever, entornando o resto do líquido.

Olhando para trás e assobiando, o bar de pau e caníço, com o bidão tombado, parecia ir cair por terra e desconjuntar-se sob as rajadas. Os dois homens estavam a assobiar, e um deles, o capitão, parecia regressar com uma alegria incontroável. Rapidamente se chegou à beira duma vivenda e o capitão parou para retirar a mulher e colocá-la em terra. Para tanto, pegou-a ao colo, como nas caricaturas das núpcias antigas, e depois de ela haver dado uns gritos, ter espremeado e o lenço ter-se perdido, ele passou-a sobre a sebe, sem abrir o portão, e deixou-a cair, lindíssima, cheia de cabelos, na relva do jardim. Foi assim que comeci a lidar com Helena de Tróia, tal como você a revela n'Os *Gafanhotos* — esperando num fato de caqui amarelo à caçadora, a ser depositada na relva dum jardim de vivenda.

Claro que foi nessa altura que apareceu o General. Mas o que pode essa figura fazer por si ou pelos seus relatos? Não se deveria preocupar com o General. Também não foi o Comandante da Região Aérea quem dançou com Evíta no terraco, e no entanto nenhuma outra pessoa poderia ter dançado com ela tão intensamente. Quando vejo o General, agora à distância — disse Eva Lopo — penso que, tanto o Comandante da Região quanto o General, constituíam, naquele tempo e para aquele local de África, uma imagem de energias renováveis. Assim como de um outro modo o eram o hall, o terraco, o descapotável, o lodo ou

as aves do lodo. Espaços irradiantes de energias renováveis. O General sobretudo, a esta distância que escurece, iluminado de repente pela sua curiosidade, constitui um espaço móvel e irradiante em deslocação através do hall. Sim, acho que foi nesse mesmo dia, no dia das cenas que lhe contei. Fui vê-lo passar. Ah, como eu estou a vê-lo passar, deixe-o ir, deixe-o passar enquanto o noivo se perfila, enquanto o noivo empalidece! Como o noivo está erecto, como o noivo sua, como o noivo move a patilha! Como o noivo é outro, cheirando a aves, patas, penas, emocionado e de perfil. Vendo o General passar.

Quando vi o General no hall, pela primeira vez — havia de ver segunda — o General não falou, não acenou, só passou. Tinha mandado evacuar o hall, mas sem se saber como, o hall estava cheio de gente que o queria ver. O General ficou satisfeito — aquilo já se assemelhava a uma aclamação — mas teve de se mostrar inteiro e descontente. Apareceu na porta, e seguiu com vasta passada pelo hall, com o bastão na mão, perseguido pelos ajudantes-de-campo, e vários comandos, entre eles o da Região Aérea. Seguiu grave, seguiu selecto, a caminho dum compartimento fechado à chave, onde se fez o *briefing* de passagem. Óbvio que ninguém soube o que foi dito e escrito no *briefing*, mas também ninguém duvidou da intensidade do que havia sido projectado. A movimentação era geral. As melhores forças de Terra, Mar e Ar iriam convergir para Cabo Delgado, essa terra de selvagens, perto da mosquitação do Tanganhica, o coio inóspito onde o soviete tinha encontrado o côncavo necessário para pôr o ovo. Assim, o General, atravessando o hall do *Stella Maris*, não era só um homem, era também um desenho, simbolizando uma potente bota cujo tacão desferia uma farsca e esmagava o ovo. Des- truíra o ovo. Nunca ninguém tinha aparecido com um passo tão indomável quanto o do General. A passada dum homem indomável tem mais consequências do que se pode imaginar. A energia das passadas propaga-se a uma velocidade ainda hoje desconhecida, com uma vibração também

ainda por determinar. Então as mulheres, de que me aborrece lembrar os nomes, nesse dia, ficaram ainda mais tagarelas do que o habitual, e durante essa noite, houve notícia de que oficiais de reputação impecável — cujos nomes também me aborrece lembrar — tiveram de bater nas suas mulheres. Para não se falar nas crianças. Também a elas a energia do General tinha chegado de forma desusada, e uma, se não estou em erro, partiu um frasco e bebeu champô. As pessoas inteligentes e reflexivas — havia-as — imaginaram, passando pelo hall, como seria a energia dos soldados ao verem passar, entre fileiras, o corpo, o zigoma, o bastão do seu General — disse Eva Lopo. Que mais quer saber?

Ah, o noivo! Ele cobriu os ombros da noiva com os braços, depois de ver o General no hall, e voltou ao quarto a bater com o sapato esquerdo no soalho, como se fosse uma bota, e depois de entrar no quarto, começou a andar de lá para cá, entre a cómoda e a cama. Vejo o noivo de camisa aberta entre a cama e a cómoda. Ele tem um brilho nos olhos, ele muda de calçado, ele ataca as botas, ele sente que o quarto de dormir onde está não comporta o ímpeto da sua passada, abre a porta do quarto de banho, vai e vem entre a sanita e a cama, há uma espécie de carreira de tiro, no soalho, ele bate a bota esquerda, ora no mosaico ora no soalho, e subitamente o noivo pára. Pára no meio do quarto, senta-se na cama, mostra-se abatido, o noivo curva-se e põe a cabeça entre as mãos.

«Coitado do nosso General! Viste bem o nosso General? Coitado dele, coitado de todos aqueles velhotes que viste passar no hall!»

«Coitados porquê?»

«Já viste que é a última possibilidade que têm de se distinguir? Já viste que não voltam a ter outro? E viste como esse sentimento de última chance deve ser atroz?» — O noivo imaginou-se na vez deles e começou a ficar triste, a meio do quarto.

Triste, sim. Triste, porque estava a imaginar como seria atroz chegar a uma idade em que o corpo começa a abandonar o seu esplendor, sem nunca se ter tido a sorte de haver participado numa acção militar a sério, com tiros, perigo de morte, fogo real. Falando de olhos abertos postos nas botas, meditava em voz alta na injúria que o Estado fazia em privar gente de ser feliz. Lembrou-me, ainda que para nada, de o ver andando de lá para cá entre a janela e a porta do exíguo quarto, lamentando os rapazes que tinham vivido no tempo em que as instituições haviam crescido lentamente, com passo de lagarta e segurança de boi, a caminho de qualquer coisa que os paisanos de então haviam tomado como radicalmente certa e definitiva. Queriam coisa abstracta, com muita honra, muita decência, muita pobreza, que os pintores apologeticos da altura tinham traduzido por uma avenida larga, com as linhas de fuga a terminarem num chafariz donde o Sol nascia, em ordem irreprimitiva. A ordem — o noivo achava, triste — era uma palavra de pedra que nesse tempo rescendia do chão, não precisando de ser mantida. Essa fora a pouca sorte, por exemplo, da geração de homens que naquela tarde tinham atravessado o hall, no momento em que escurecia. Eles nunca tinham tido a oportunidade de se distinguirem com um disparo de pistola sequer, quanto mais com um centímetro de cicatriz semelhante à do capitão Forza Leal. A nação estava cheia de gente que nunca assistira a outra cena de combate que não fosse a dum rídículo distúrbio à porta duma taberna, dois bêbedos com dois galos na testa, dois menos bêbedos pegando os outros pelas costas. E de resto, só paz, uma dormente paz. A paz do país, no tempo do General, deveria ter parecido uma pedreira adormecida. Estava triste.

Estava triste e não parava, pensando na multidão dos rapazes portugueses traídos que haviam visto as rugas preguearem os olhos, com as armas paradas. Sobre tudo depois da Segunda Guerra, num país que a não tinha tido — o noivo lembrava, o noivo sabia História, o noivo queria que eu reparasse, que me lembrasse dos campos metro-

politanos. Serras, trigais, penedias, casais a perder de vista, e em sítio nenhum a imagem de uma chaminé destruída nem de uma usina queimada, nem sequer de um buraco negro no solo para se dizer que por ali havia passado o inimigo. O que era uma terra sem a memória activa do inimigo? — perguntou o noivo. Sem a memória do seu inimigo contemporâneo, um contemporâneo é contemporâneo de quê? Se ao menos houvesse uma lápide que indicasse o local duma bomba, pelo menos ter-se-ia dado a esses homens a ilusão de que tinham alguma coisa com a Guerra, essa necessidade da Ciência, da Arte e da própria Matemática. O noivo, calçado de botas, via agora a Matemática como um sucedâneo da guerra. Estava a dizê-lo em tom veemente, indo e vindo entre a cama e os apetrechos da casa de banho, fazendo um perfeito direita-volver quando chegava junto das pias brancas. Evita encheu-se de coragem, vendo o noivo despedir-se e acenar cada vez mais longe — disse Eva Lopo.

«Quer isso dizer que nunca mais voltas à Matemática?»
«Não!» — disse o noivo. Creio que era tarde, creio que havíamos aberto as janelas que davam para um terraço de serviço, a avenida envesada, ao fundo, e por elas entrava o vento quente e saía como entrava, gritando, mexendo os papéis e as roupas. Quando o noivo era impedido por um sentimento forte, abria as janelas. «Nunca!» — disse o noivo, como se a Matemática, de onde tinha saído por desespero, lhe parecesse, sob a atmosfera de África, um local a que havia aportado desde criança por desesperado engano.

«Mas então?»
«Descobri-me» — disse ele. «Tu não podes imaginar, Evita, como eu tenho intuição para este tipo de combate. Há um ano que ando em missão, e os melhores resultados entre as companhias são os da companhia do meu capitão, e na companhia do meu capitão, é o meu pelotão o que faz os resultados mais palpáveis». O noivo transpirava e tinha a camisa aberta, o flanco descoberto, como se acabasse de produzir um desses resultados. «Evita» — disse

ele, dobrando as pernas pelos joelhos e esfregando as mãos dela no pequeno quarto. Tinha a voz embargada. «Diz-me — Tu achas, tu querias, tu não te importavas que eu tivesse uma cicatriz como a do meu capitão?» — A emoção dele era verdadeira, porque ao dizer isso tinha ficado rígido, sobre o joelho, no meio do pequeno quarto.

Disse Eva Lopo.

Claro que você teria cometido um erro se tivesse posto o noivo no terraço, ajoelhado, a fazer essa pergunta, a manifestar esse desejo. Ainda bem que não soube e não sofreu a tentação. Ao contrário do que pensa, não teria sido nem deslumbrante nem verdadeiro, ainda que real. O alferes ter-se-ia tornado, por imitação, numa figura de inspiração cômica, o que nunca foi. É a imitação que faz andar o mundo, mas uma vez representada, logo se torna matéria para todas as comédias. Não se esqueça que era por imitação que o alferes Luís queria a cicatriz, tal como as mulheres do *Stella Maris* se tinham tornado tagarelas, os homens, brilhantemente mais violentos tinham batido nas mulheres, as crianças, mais imaginativas, tinham sugado champô. As guerras, os heróis das guerras, as grandes horas de silêncio trágico, os dedos rápidos diante dos estrondos das metralhadoras têm pois a ver com coisas simples como seja a barriga dum homem a passar num hall, com o cinto colocado no derradeiro furo, o zigoma descaído, a caninhoduma reunião de estratégia, ou o pio dum pássaro que um dia, perdido na memória alguém matou — disse Eva Lopo. Quer melhor matéria de comédia? Em vez de tudo isso, fez bem ter posto a dançar aquela gente repleta de encanto, à luz invisível dos cometas.

Explico-lhe — disse ela.

O pequeno quarto estava mergulhado no escuro, mas pelo cheiro sentia-se que ia amanhecer, e adivinhava-se que lá fora as palmeiras deveriam estar quietas, como de plácido, saindo da madrugada. Uma espécie de choro começou a aproximar-se da rua de areia com mangueiras que

atingia a avenida perto do *Stella Maris*. O noivo abriu a janela e apareceu um cortejo rebocando um morto. O grupo avançava, gemia alto, e alguém do grupo assobiava prologado como se quisesse dizer alguma coisa mais articulada do que a voz. Era uma mulher quem assobiava e o assobio parecia o silvo dum comboio fendendo a madrugada. Seis ou sete pessoas caminhavam atrás dos que transportavam o morto e da mulher que assobiava. O morto ia envolvido em capulanas que não o sustinham completamente, e os pés dele rojavam pelo chão, e a cabeça pendia, desamparada, quando passou sob a janela. O pescoco do morto era enorme, e no fim dele baloiçava a cabeça. Mas porquê? Por que razão podiam recolher aquela cabeça e não a recolhiam? Porque podiam chamar o *dumper* e não o chamavam? O noivo sabia — não recolhiam nem chamavam porque o que passava não era um morto mas um assassinado por eles mesmos, como manobra de desestabilização e dissuasão em relação ao plano de Cabo Delgado — disse o noivo. Com um enorme estrondo, o noivo puxou a fita da persiana e deixou as lamelas caírem no peitoril dum só vez, sobre o acompanhamento. O quarto ficou escuro.

«Mas tu achas que eles se matam a eles mesmos?»

«Eles mesmos? Mas quais eles mesmos? Pensas que só há uma etnia de norte a sul? És doida, ferverm as etnias!»
E o noivo explicou, com a persiana descida e a luz acesa, como as guerrilhas urbanas também podiam começar assim, atacando-se uns aos outros para depois atacarem quem culpassem. Era dos livros mais primários sobre luta subversiva. Havia porém quem percebesse de contra-subversão. O noivo ainda estava de licença, ainda podia dormir as manhãs descansado, mas o noivo desejou fardar-se, pôr o relógio, recomçar o trabalho. Se tinham passado por ali com um morto mal atravessado em cima duns panos para desestabilizarem e confundirem, o efeito era oposto — pelo menos, um alferes de licença, quase licenciado em Matemática, fardava-se, movia as patilhas e paria ainda antes das sete da manhã, voluntariamente, sem que ninguém lho pedisse.

Disse Eva Lopo.